

## DA DESGRAÇA À GLÓRIA: O PAPEL DA FORTUNA NO *DE PHILOSOPHIAE CONSOLATIONE* DE BOÉCIO

JOSIANA BARBOSA ANDRADE<sup>1</sup>;  
MANOEL LUÍS CARDOSO VASCONCELLOS<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas*– [josyyandrade17@gmail.com](mailto:josyyandrade17@gmail.com)

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas*– [vasconcellos.manoel@gmail.com](mailto:vasconcellos.manoel@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Diante de uma situação limite, isto é, da morte corpórea, Boécio escreveu a sua obra *De Philosophiae Consolatione*. Nela, ele abordou diversos assuntos, e entre eles está o da reviravolta da Fortuna, a deusa da sorte, em sua vida. A Fortuna girou a roda, quem estava em cima caiu, e quem estava embaixo subiu. Assim, o genro de Símaco, Boécio, que durante muito tempo havia permanecido em cima, teve a sorte de cair. Por isso, no decorrer do diálogo com a Filosofia, sua instrutora, ele acusará a Fortuna como a causa da sua desgraça, do seu aprisionamento a partir de aleivosias realizadas pelos seus acusadores.

No entanto, Boécio estava com letargia, ou seja, doente do espírito, devido a mudança abrupta da sua condição. A perda do domínio de si, o desequilíbrio espiritual e o desconhecimento de si foram sintomas que se manifestaram no debilitado, uma vez que ele havia se desviado do reto caminho. Por essa razão, o papel fundamental da musa Filosofia, sua mediadora-terapeuta, será fazer com que ele retorne a si mesmo, e aperceba-se da sua própria existência enquanto ser humano. Para que somente então, ele possa ter o discernimento para distinguir o verdadeiro bem dos falsos bens, propriedades da Fortuna.

Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo analisar o papel da Fortuna nesta obra, visto que ela aparece diversas vezes no texto com distintas características ao longo da recuperação do paciente, pois, na medida em que Boécio vai retornando a si mesmo, a forma como ele a descreverá, mudará, em alguns aspectos, de perspectiva.

### 2. METODOLOGIA

Por ser de cunho bibliográfico a pesquisa, nós analisaremos a obra de Boécio: *A Consolação da Filosofia*, objetivando demonstrar o porquê a presença da Fortuna é necessária na obra. Ela é dividida em cinco partes, a qual foi escrita tanto em prosa, quanto em verso de maneira intercalada. A análise será decomposta em três partes: 1) anunciar a mundaça de personalidade da Fortuna, a partir do deslocamento que Boécio faz, ao sair do esquecimento (*léthe*) e retornar ao não-esquecimento (*a-lethéia*); 2) esclarecer o motivo dessa modificação e qual a sua relação com a Fortuna; 3) evidenciar a real personalidade e função da personagem no processo de purificação e reflorescimento daquele que defendeu a liberdade de Roma, Boécio.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Logo no início do escrito a Fortuna é descrita como malévola por Boécio, pois ela havia, segundo ele, o favorecido com bens perecíveis e quase o arrastado para uma queda fatal. Dessa forma, ele achava que a deusa da sorte,

por capricho, tratava-o como um joguete seu. Assim, com o espírito agitado, ele a acusou de enganadora, e descobrindo, através de sua desgraça, a dupla visão do poder cego. A natureza da Fortuna é a inconstância, os extremos, por isso, aquele que por ela se deixa guiar tem uma vida inconstante, já que ele não tem o controle da própria vida, e torna-se, por ignorar a si mesmo, escravo dos próprios vícios, uma vez que “é instável, e incerta a posse de tudo quando nos vem de fora”, como escreveu SÊNECA (2017).

O esposo de Rusticana, Boécio, buscava encontrar o fim da sua infelicidade, no entanto, “não se busca o fim da infelicidade, mas muda-se de fonte”, como está na carta de SÊNECA (2017) a Paulino. Sendo assim, dos adulos das musas da tragédia ao consolo racional da Filosofia, ele deixará o véu da ignorância para ascender nas vestes do conhecimento. A partir disso, com uma visão menos míope, a Filosofia demonstrará para ele qual a função da Fortuna nesse mundo que é provido pela força divina.

Por conseguinte, “a natureza é superior a todo o resto da criação quando usa de suas faculdades racionais, mas da mais baixa condição quando cessa de ser o que realmente é”<sup>1</sup>, desse modo, não se pode chamar nem de feliz, nem de livre, como disse a Filosofia para Boécio, quem está cego pela ignorância. É feliz somente aquele que participa da Felicidade, a qual é o supremo bem, isto é, a divindade. Por essa razão, são chamados de deuses aqueles que participam do divino, e quem participa do divino faz uso da sua capacidade racional, pois somente a partir da razão que entramos em contato com o ilimitado. Logo, a felicidade independe da Fortuna.

Os bens oferecidos pela Fortuna, tais como: a riqueza, o poder, a honra, a glória e os prazeres são bens que cessam com a morte, nunca são supridos e causam sempre preocupações. Sendo assim, de acordo com BOÉCIO (2012), se alguém quiser ser rico, tornará alguém pobre; se alguém quiser alcançar o brilho das honrarias, eclipsará os outros; se alguém quiser ambicionar o poder, correrá o risco de traições; se alguém quiser buscar a glória, caminhará no perigo, se alguém quiser levar a vida nos prazeres, será escravo do próprio do corpo. Destarte, o ser humano deve buscar o conhecimento de si mesmo, ter autodomínio, e deixar-se ser guiado por deus, para que somente, então, possa um dia viver em estado de perfeição e conseguir enxergar a vacuidade desses falsos bens.

Diante disso, podemos perceber que, embora não seja livre aquele que se deixar guiar pela Fortuna, isso não impede-o de ser responsável pelo chamamento da deusa na sua vida. Ela tem uma natureza, mas o ser humano não pode controlá-la, dela só podemos conhecer os seus efeitos, não as suas causas. Apesar de Boécio ter a acusado de malévolas e enganadoras, “ela não engana os seres humanos, mas esclarece-os”<sup>2</sup>, tendo em vista que há duas espécies de Fortuna: a favorável e a desfavorável, como ele descobrirá mais tarde. Enquanto a favorável “usa de todos os seus encantos para desviar as pessoas do verdadeiro bem, a desfavorável trava-lhes o caminho para levá-las novamente aos verdadeiros valores”.<sup>3</sup>

Desse modo, a Fortuna, ora será temível, ora será favorável, de modo que é necessário a sua inconstância na vida tanto dos bons, quanto dos malfeiteiros, já que ela coloca à prova aqueles que estão no reto caminho, e detém aqueles que dele se desviaram. Por fim, esclarecido pela Filosofia com ajuda Fortuna, Boécio

<sup>1</sup> BOÉCIO, Livro II. 10.

<sup>2</sup> BOÉCIO, Livro II. 15.

<sup>3</sup> BOÉCIO, Livro II. 15.

perceberá que ela é “invariavelmente boa, uma vez que é ou justa ou útil”.<sup>4</sup> “E se ela não põe à prova ou não emenda, é porque pune”.<sup>5</sup> Portanto, a Fortuna sempre está presente, mas depende de cada um a qual forma dar-lhe, por isso, devemos manter-nos em equilíbrio, viver na temperança.

Portanto, a forma como a Fortuna é caracterizada muda quando Boécio retorna a si mesmo e apropria-se de volta do conhecimento, pois ao julgá-la sem utilizar a capacidade racional no início, ele formulou um juízo mal raciocinado. Logo, descreveu-a incorretamente, pois ele havia perdido o discernimento. A Fortuna foi caracterizada de maneira distinta em três ocasiões: a primeira foi de enganadora, já que Boécio estava desprovido de sua inteligência; a segunda foi a dicotomia favorável e desfavorável, em que Boécio em alguns aspectos ainda não exclui a qualidade de enganadora da deusa de maneira completa, pois quando ela é favorável, ela é sedutora, assim, engana; a terceira foi de invariavelmente boa, pois aqui o personagem já havia reflorescido e tinha capacidade para discernir entre o verdadeiro e falso, assim, ele conseguiu com a instrução da Filosofia, se aperceber da finalidade das coisas, alcançando, portanto, a glória através da desgraça.

#### 4. CONCLUSÕES

“A vida não é um bem nem um mal, é ocasião de bem e de mal”, como está na carta de SÊNECA (2011) a Lucílio. Dessa forma, nós somos responsáveis por fazer dela um bem ou um mal. Nessa perspectiva, para BOÉCIO (2012) os humanos possuem liberdade e, por isso, devem ter responsabilidade. O exemplo disso foi a participação da Fortuna ao longo da obra, dado que nós devemos ser responsáveis por nossas escolhas. Ser escravo dos próprios vícios não é ser livre, mas a escolha de ter uma vida baseada nos falsos bens realizou-se a partir um ato de liberdade.

Por fim, nós, seres humanos, devemos prosseguir da premissa de que todos possuem capacidade de desejar, de sentir, de raciocionar, de avaliar e de escolher. Por isso, devemos assumir as consequências de nossas escolhas. Em vista disso, no decorrer do escrito, Boécio passa a aperceber-se, gradualmente, que ele havia feito escolhas ao longo de sua vida, e que a verdadeira liberdade encontrava-se no interior do ser humano. Culpar a Fortuna não resolveu o seu problema, mas cuidar de si mesmo, ou seja, cuidar do seu espírito o fez reflorescer. E, na medida em que ele o reconheceu-se, ele pôde reconhecer a verdadeira face da Fortuna, aquela que anuncia a ruína.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOÉCIO. *A Consolação da Filosofia*. São Paulo: Martins fontes, 2012.
- SÊNECA, Lúcio Aneu. *Sobre os enganos do mundo (Cartas a Lucílio)*. São Paulo: Martins fontes, 2011.
- SÊNECA. Lúcio, Aneu. *Sobre a brevidade da vida (Cartas a Paulino); Sobre a firmeza do sábio (Cartas a Sereno)*. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

<sup>4</sup> BOÉCIO, Livro IV. 13.

<sup>5</sup> BOÉCIO, Livro IV. 14.